

AIRES DA MATA MACHADO FILHO — Lingüística e Humanismo. Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1974, 198 pp.

“A lingüística tende cada vez mais a penetrar em outros domínios da pesquisa: Ciências Naturais, Tecnologia, Medicina, Sociologia, Biologia, etc. Os seus métodos e a sua problemática tornam-se indispensáveis aos especialistas desses domínios”.

O autor, já com quase trinta obras publicadas, é suficientemente conhecido nos nossos meios intelectuais, o que dispensa qualquer apresentação.

Quanto ao assunto da obra em questão, poderíamos adiantar que a tônica sempre presente, desde o esboço histórico das idéias lingüísticas até a situação da Lingüística no pensamento contemporâneo, é o objeto da Lingüística e suas modernas tendências.

E, nisto, o autor concorda com o lingüista sueco Bertil Malmberg, que afirma: “O papel da linguagem, para os indivíduos como para as coletividades, é tão capital, que a lingüística de hoje retém a própria atenção do grande público” (1).

Pela leitura do “Sumário”, verificamos que a obra se endereça a todas as pessoas interessadas no estudo da dialeção, da língua literária, língua comum, linguagem familiar, etc. e, especialmente, àqueles que reconhecem que esses estudos exigem esforço cooperativo por parte dos especialistas. Em função disso, o A. procura, então, mostrar como na união entre história e lingüística, entre sociologia e lingüística, entre folclore e lingüística, “muita coisa se pode concluir a respeito do próprio comportamento humano”. Por outro lado, o livro tem outro mérito: não pretende suplantar as fontes de referência e as técnicas existentes nas várias áreas de interesse.

Pelo contrário, seu escopo é servir como um guia de estudos (V. citações e bibliografia), fornecendo ao leitor informações de alguns dos livros e artigos mais significativos ligados a cada capítulo.

A própria perspectiva ampla da abordagem, distribuída em vinte e seis capítulos, não possibilita, em muitos casos, uma discussão minuciosa dos aspectos mais relevantes.

Impossível, pois, numa recensão, apreciar amplamente todos os capítulos da obra; limitar-nos-emos a dar idéia de como o autor desenvolve certos temas da Lingüística.

Antes de iniciarmos nosso retrospecto, gostaríamos de evidenciar dois fatores que concorreram bastante, em nossa opinião, para o sucesso deste livro.

(1) Bertil Malmberg — *Nouvelles tendances de la linguistique*. Paris, 1966.

Em primeiro lugar, a *exposição* do A.: ela é clara, concisa, atualizada e de fácil leitura. Paralelamente, seu *toque pessoal*, que se faz sentir, nos momentos oportunos.

Inicialmente, Aires da Mata acentua que “até a Idade Moderna os problemas relativos à linguagem foram encarados fragmentariamente, na dependência de absorventes disciplinas como a filosofia, a poética, a lógica e a retórica”. Depois de enunciar que, no fim do século XIX, a lingüística foi dominada pelas exagerações do positivismo, passa a insistir em alguns pontos fundamentais.

Destacamos, por exemplo, sua insistência na preeminente influência de Saussure até nas mais recentes tendências da lingüística moderna.

A esse propósito, cita John Lyons, que afirma que: “O traço mais frisante da lingüística moderna, partilhado com um certo número de ciências, é o estruturalismo (2).

Mais adiante, a respeito da teoria da gramática gerativa, esclarece Aires da Mata que: “Sustentar que a descrição da gramática de uma língua é gerativa equivale a dizer que ela oferece uma enumeração explícita de suas próprias afirmações a respeito da estrutura daquela língua” (V. p. 40).

Assim, “gerativa” significa explícita. Por outro lado, sua intenção ainda é deixar bem claro que “a divisão entre os lingüistas hodiernos se verifica entre neobloomfieldianos ou estruturalistas, e gramáticos gerativo — transformacionistas, seguidores de Noam Chomsky” (V. p. 41).

Não considera também as idéias da gramática transformacional inteiramente novas e revolucionárias, mas pondera que a originalidade está nas tentativas de entrosar modernas técnicas com idéias rejeitadas pelos primeiros lingüistas de nosso século.

O próprio Chomsky, conclui o A., chama atenção para o fato que o modelo transformacional retoma e sistematiza conceitos familiares à gramática tradicional.

O capítulo referente ao “Objeto da Lingüística”, como não poderia deixar de ser, gira em torno da célebre dicotomia de Saussure — língua/fala, que o A. procura ilustrar, através de trechos significativos da obra *Cours de linguistique générale*, de Saussure.

Repeti-los, agora, seria uma redundância de nossa parte.

Ao abordar a dialeção, o autor nos informa que “em nossa língua, em Portugal como no Brasil, a dialeção é muito menos profunda, de sorte que as tendências unificadoras encontram menores obstáculos” (V. pp. 58-9).

Data de 1920 com *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral a fundação dos estudos dialetológicos no Brasil, feitos em base científica.

Numerosos problemas depara o estudo da dialetologia. O legítimo, em se tratando de dialetologia, é a pesquisa a que se procede “in loco”, obedecendo a questionários, tecnicamente organizados.

Contudo, também os documentos literários regionalistas têm o seu valor.

A respeito das “línguas especiais”, deduzimos que as peculiaridades vocabulares é que distinguem as línguas especiais.

(2) John Lyons — *Linguistique générale*. Paris, Larousse, 1970.

Desse modo, certos vocábulos mudam de significação, evocam sentimentos diferentes, conforme as pessoas que se servem deles e as circunstâncias em que são empregadas. Logo, “as peculiaridades léxicas pertencem, não ao individuo de per si, mas ao grupo em geral. Se cada pessoa não atuasse simultaneamente em grupos diferentes e se a fonética, a morfologia e a sintaxe não conservassem relativa unidade, toda língua de civilização se transformaria em nova babel de artes e ofícios” (V. p. 81).

Em seguida, o A. estabelece um paralelo entre a *língua dos ofícios*, palpitante de afetividade, e a *língua científica*, que reflete o lado intelectual do pensamento, pois se caracteriza precisamente pelo predomínio da razão.

No tocante à “linguagem familiar”, observamos que tão grande é a sua importância que Bally a considera “a mais autêntica manifestação da língua falada” (3).

Para a *língua escrita*, o autor apresenta as seguintes modalidades: a *linguagem administrativa*, a *linguagem jurídica*, a *linguagem técnica*, finalmente, a “língua literária”.

Acerca da *língua literária*, adverte Aires da Mata que “ela vive no presente, no passado e no futuro. Na *língua literária* predomina o aspecto individual, enquanto na *língua falada* prepondera o caráter coletivo” (V. p. 118).

Concluindo, o A. frisa que “*Lingüística* é ciência oitocentista. As contribuições da antigüidade para os estudos da linguagem distinguem-se pela natureza filosófica” (V. p. 175).

Quanto aos *lingüistas*, estes aspiram a demonstrar a unidade da consciência lingüística humana.

Aí está, muito resumidamente, o conteúdo de *Lingüística e Humanismo*. Trata-se de uma obra de grande atualidade e de máximo interesse para todos os estudiosos da língua materna e da lingüística em geral.

LÉLIA ERBOLATO MELO

(3) Charles Bally — *Traité de stylistique française*. Paris, s. d..